

Pela revisão do Acordo Ortográfico

Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia da República, surge a presente iniciativa de petição, face a algumas persistentes, ilógicas e incongruentes modificações ortográficas impostas pelo mais recente Acordo Ortográfico, entenda-se, o de 1990.

Consciente da relevância da existência de um Acordo Ortográfico internacional para a Língua Portuguesa e, de modo a preservar, valorar e potenciar o protagonismo e contributos internacionais da Língua Portuguesa, sem esquecer ou ignorar a sua etimologia, propõe-se a revisão em detrimento da total reformulação do actual acordo, introduzindo ou substituindo regras do qual pelas sugeridas pela digníssima e reconhecida Academia de Ciências de Lisboa, no documento de 2017 denominado «Sugestões para o aperfeiçoamento do acordo ortográfico da Língua Portuguesa», este desconsiderado até ao momento.

Esta petição, pretende encetar uma discussão interna com o compromisso de fazer chegar aos restantes Membros Permanentes da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, a fim de alcançar a discussão multilateral necessária à conclusão do assunto mal resolvido que é o AO90.

Acrescento, a título meramente sugestivo, dispensar a distinção em formato negrito, ou outros igualmente válidos, vocábulos ou expressões convencionados em Latim ou para livre redação em Latim, em consideração de esta ser a língua-mãe da Língua Portuguesa e como alternativa correta para os discordantes e contestatários do actual ou futuro vigorante acordo ortográfico.

Assim sendo, convido à consulta e leitura do documento anexo, o qual apresenta transcrito o texto acima, mais a transposição integral das regras a importar do suprarreferido documento da autoria da Academia de Ciências de Lisboa, visando a substituição das que se encontram a vigorar.

Sugestões para o aperfeiçoamento do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(Para uma fixação da nomenclatura do Vocabulário e do Dicionário da Academia)

1. Sobre a acentuação gráfica

Recebem acento agudo os vocábulos que estão em homografia com outros:

- *pára*, forma do verbo *parar*; cf. *para*, preposição;
- *péla(s)*, nome e forma do verbo *pelar*; cf. *pela(s)*, combinação da preposição *per* e *la*;
- *pélo*, nome e forma do verbo *pelar*; cf. *pele*, combinação da preposição *per* e *lo*;

Observações: Quando um possível homógrafo é considerado arcaico ou de uso pouca frequente, prescinde-se do acento gráfico distintivo, como é o caso de: *polo(s)*, nome; cf. *polo*, combinação arcaica da preposição *por* e *lo*; *pera* ('pedra'), nome arcaico; cf. *pera*, preposição arcaica.

*

Recebem acento circunflexo os seguintes vocábulos que estão em homografia com outros:

- *pêlo(s)*, nome; cf. *pele(s)*, combinação da preposição *per* e *lo*.
- *pôr*, verbo; cf. *por*, preposição.

Observações: Prescinde-se do acento gráfico distintivo em: *coa(s)*, nome e flexão do verbo *coar*, e *Coa*, hidrónimo; cf. *coa*, combinação da preposição *com* e *a*; *pera* ('fruto'), nome; cf. *pera*, preposição arcaica; *pero* ('fruto'), nome; cf. *pero*, conjunção arcaica; *pola* ('rebento'), nome; cf. *pola*, combinação arcaica da preposição *por* e *la*; *polo* ('extremidade; céu; jogo'); cf. *polo* ('falcão; açor'), nome, e *polo*, combinação arcaica da preposição *por* e *lo*.

*

Emprega-se acento nas flexões em que a vogal tónica fechada é homógrafa de outra flexão da mesma palavra, como em: *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) para se distinguir de *pode* (presente do indicativo); *dêmos* (presente do conjuntivo) para se distinguir de *demos* (pretérito perfeito do indicativo).

*

Emprega-se acento circunflexo nas 3.^{as} pessoas do plural do presente do indicativo *crêem, lêem, vêem*, ou do conjuntivo *dêem*, dos verbos *crer, ler, ver, dar* e seu derivados, *relêem, desdêem*.

Observação: As formas da 3.^a pessoa do plural dos verbos *ter, manter, reter*, etc., também conservam o acento, como em *têm, mantêm, retêm*.

*

Acentua-se graficamente a terminação *-âmos* do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação para distinguir da terminação *-amos* do presente do indicativo dos mesmos verbos.

*

A supressão do acento gráfico nos ditongos abertos quando constituem sílaba tónica de palavras paroxítonas retiraria o acento tónico nessas palavras terminadas em *-r*, pois se estas palavras perdessem o acento passariam a agudas, pelo que a manutenção do acento é necessária. Desta forma, desobedece-se à prescrição, do AO90, de não se acentuar os ditongos *ei* e *oi* nas paroxítonas, mas obedece-se à regra de se acentuar quando terminam em *-r*, como em *blêizer, destróier, gêiser, lêiser*.

*

O AO90 aceita a dupla acentuação em palavras proparoxítonas com *e* e *o* tónicos seguidos das consoantes nasais *m* ou *n*, como em *oxigénio/oxigênio* e *tónico/tônico*; e em algumas paroxítonas, como em *fémur/fêmur* e *ónix/ônix*, e oxítonas, como *puré/puré* e *ró/rô*. Em Portugal escrevem-se com acento agudo, porqueo seu timbre é aberto, mas no Brasil escrevem-se com acento circunflexo, porque o timbre é fechado. Excetuam-se alguns casos em que o timbre da vogal também é fechado na norma europeia, como em *estômago* e *fêmea*.

*

O acento circunflexo é eliminado no encontro *ôo*, mas é mantido no caso de palavras graves com acento em *ô*. A par de grafias que deixaram de ser acentuadas na variedade brasileira, como *enjoô* e *voô*, estão as palavras também graves *côvão* e *aljôfar*, que passariam a ser palavras oxítonas sem o acento gráfico.

1. Sobre as sequências consonânticas

Respeitando sempre o texto da Base IV e 4.1 da Nota Explicativa do AO90

O primeiro *c* (com valor de oclusiva velar [k]), das sequências interiores *cc*, *cç* (segundo *c* com valor de sibilante [s]) e *ct*, e o *p* das sequências interiores *pc*, *pç* (*c* com valor de sibilante [s]) e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam.

Assim:

- a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos e a grafia com a consoante é única em todos os países de língua oficial portuguesa: *adepto*, *compacto*, *convicção*, *convicto*, *dicção*, *ficção*, *pacto*, *pictural*, *adepto*, *apto*, *díptico*, *erupção*, *eucalipto*, *inepto*, *núpcias*, *rapto*;
- b) Conservam-se nos casos em que geram homofonias geradoras de ambiguidade. É o caso em que se encontram os pares: *aceção* (sentido) *vs.* *acessão* (consentimento); *corrector* (quem corrige) *vs.* *corretor* (intermediário); *espectador* (aquele que olha) *vs.* *espetador* (o que espeta); *óptica* (visão) *vs.* *ótica* (audição); *recepção* (recebimento) *vs.* *recessão* (retrocesso);
- c) Conservam-se nos casos em que a sua eliminação origina grafias que não existiam na língua: *abjeccionismo* (**abjecionismo*), *anticeptismo* (**antictetismo*), *conceptível* (**concetível*), *interruptor* (**interrutor*);
- d) Conservam-se ou eliminam-se nos casos em que se verifica oscilação de pronúncia na variedade portuguesa da língua, recomendando-se preferencialmente, nestes casos, a manutenção da grafia com a consoante, para evitar arbitrariedades: *característica* ou *caraterística*;
Nota: Nos casos em que a oscilação se verifica noutras variedades da língua, e em que em muitos casos a consoante tem sido eliminada, a consoante deve ser conservada: *facto* (Portugal) ou *fato* (Brasil).

- a) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudas em todos os países de língua oficial portuguesa. A grafia passa a ser única em todos os países de língua oficial portuguesa: *acionar, atual, batizar, coleção, exato, inspetor, projeto*.
- b) Conservam-se sempre que a consoante tem valor significativo, etimológico e diacrítico: *conectar, decepcionado, interceptar*.

1. Sobre o emprego do hífen

Por motivos de clareza gráfica, o que permitirá evitar possíveis riscos de ambiguidade, o emprego do hífen é recomendado nos compostos com elementos de ligação quando os seus elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, ou seja, o sentido da unidade não se deduz a partir dos elementos que a formam.

Observação 1.^a Como as locuções não formam uma unidade de sentido conotativo, os seus elementos não devem ser unidos por hífen, seja qual for a categoria gramatical a que pertençam. Assim, escreve-se, por exemplo, *base de dados* (locução nominal), *cor de açafreão* (locução adjetiva), *à parte, à vontade* (locução adverbial), *a fim de, apesar de* (locução prepositiva), *cada um, ele próprio* (locução pronominal), *ao passo que, contanto que* (locução conjuncional), uma vez que essas combinações vocabulares não são verdadeiros compostos. Quando, porém, as locuções se tornam unidades fonéticas, devem ser escritas numa só palavra: *acerca, afinal, apesar, debaixo, decerto, defronte, deveras*, etc. Só, por conseguinte, as combinações vocabulares que formem verdadeiras unidades semânticas e sejam, *ipso facto*, verdadeiros compostos é que exigem, em rigor, o emprego do hífen, como *água-de-colónia, braço-de-ferro, entra-e-sai, pé-de-meia*.

Observação 2.^a Se numa locução existir um elemento que já tenha hífen, este será conservado: *a trouxe-mouxe*.

Observação 3.^a Os nomes próprios que entram na formação de locuções são grafados com maiúscula inicial, como em *cabeça do Império, olho da Providência*; no caso de serem compostos com hífen, passam a minúscula: *folha-de-flandres, maçã-de-adão*.

Observação 4.^a As expressões com valor nominal, isto é, formas em que a soma dos elementos forma um sentido único, como *faz-de-conta* e *maria-vai-com-as-outras*, devem ser grafadas com hífen.

Observação 5.^a No interior de certos compostos, para assinalar a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com os nomes, emprega-se o apóstrofo: *borda-d'água*, *cão-d'água*, *copo-d'água*, *estrela-d'alva*, *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *marca-d'água*, *pau-d'água*, *pau-d'alho*, *pau-d'arco*, *pau-d'óleo*, etc.

Observação 6.^a As expressões latinas nunca são hifenizadas: *ab initio*, *ab ovo*, *carpe diem*, *habeas corpus*, *in octavo*.

*

Emprega-se o hífen nas palavras com formas reduzidas, como *afro-*, *euro-*, *luso-* e outras análogas, que referem mais de uma configuração geográfica: *afro-brasileiro*, *euro-asiático*, *sino-japonês*. Estes compostos transmitem sempre o hífen aos seus derivados.

Não se emprega o hífen quando estes elementos são elementos de composição, como em *francófono*, *lusófono*, ou quando há uma relação de subordinação entre os elementos, como em *eurodeputado*, *lusodescendente*, *sinologia*.

*

Os vocábulos *mandachuva*, *paraquedas* e *paraquedista* passaram a escrever-se aglutinadamente por se ter perdido a noção de composição. Os restantes compostos com a forma verbal *manda-* e *pára-* continuam a ser separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *pára-choques*, *pára-brisas*, *pára-raios*.

*

No que diz respeito a palavras formadas por *ântero*, *êntero*, *ínfero*, *íntero*, *póstero* e *súpero*, recomendam-se as formas com hífen e acento gráfico. Embora esses elementos prefixais sejam próclises de adjetivos, não perdem a sua individualidade morfológica, e, por isso, devem unir-se por hífen.

*

Emprega-se o hífen nos vocábulos onomatopaicos formados por elementos repetidos, como em *au-au*, *bau-bau*, *lenga-lenga*, *tique-taque*, *truz-truz*, *zás-trás*.

*

Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado, como em *bendito*, *benfazejo*, *benfeitor*, *benquerença*.

Não se emprega o hífen nas formações com os prefixos *pre-* e *re-*, mesmo nos encontros de vogais iguais ou quando o segundo elemento é iniciado por *h*, como em *preencher* (*pre-+encher*), *reescrita* (*re-+escrita*), *reabilitar* (*re-+habilitar*).

*

Emprega-se o hífen em palavras formadas com os prefixos *ab-*, *ad-*, *ob-*, *sob-* e *sub-* quando o segundo elemento começa por um *r*, para manter o valor fonético deste, ou seja, como vibrante velar [R], e não como vibrante alveolar [r], como em *abraço*. Exemplos: *ab-rogar*, *ad-renal*, *ob•reptício*, *sob-roda*, *sub-raça*.

*

Emprega-se o hífen nas formações com o prefixo *sub-*, quando combinado com elemento iniciado por *b*, como em *sub-bibliotecário*.

*

Emprega-se o hífen nas formações em que o segundo elemento é um estrangeirismo, um nome próprio, uma sigla ou um acrónimo, como em *anti-doping*, *anti-URSS*.

*

Para evitar indecisão interpretativa e manter identificação de forma, recomenda-se o emprego do hífen: *co-réu* (**corréu*), *co-utente* (**coutente*).

*

Emprega-se o hífen nas palavras formadas pelo prefixo *pan-* e em que o segundo elemento começa por vogal, *h*, *m* ou *n* (cf. Base XVI, 1.º, c)), como em *pan- africano*, *pan-helénico*, *pan-mágico*, *pan-negritude*. De contrário, aglutina-se ao elemento imediato: *pangermanismo*, *panléxico*, *pansofia*, etc. Estão previstas ainda as seguintes alterações ortográficas do prefixo *pan-*: passa a *pam-* diante de *b* ou *p*, como em *pambalcânico*, *pambrasileiro*, *pamplégia*, *pampsiquismo*, uma vez que a aglutinação ortográfica implica uma leitura indesejada ou violação das restrições contextuais (**np*) da ortografia do português; reduz-se a *pa-* quando o elemento seguinte, sem vida à parte, começa por *m* ou *n* (etimologicamente, *nm* > *mm* > *m* e *nn* > *n*), como em *pamastite*, *paniquismo*.

*

Nos elementos de natureza substantiva, provenientes do grego ou latim, em que não se empregava hífen e que, com a aplicação das novas regras ortográficas, passam a ser hifenizados quando há encontros de vogais iguais, recomenda-se o uso preferencial das grafias com elisão da vogal do radical que coincide com a do elemento imediato, como em *radiopaco*. Não se admitem, porém, as formas com acento no primeiro elemento.

*

Emprega-se hífen em palavras formadas pelos elementos *não-* e *quase-*, por se considerar que os elementos possuem uma função prefixal quando se unem a bases substantivas, adjetivas ou verbais.